

Se for exótica “atire primeiro e pergunte depois”, diz Simberloff

Categories : [Reportagens](#)

[Daniel Simberloff](#) é professor de Ciências Ambientais da Universidade do Tennessee. Depois de completar seu doutorado na Universidade de Harvard sob a orientação de [Edward Wilson](#), Simberloff se tornou um dos mais importantes e conhecidos ecólogos do mundo ao longo das últimas décadas. Ao longo de sua trajetória, ele esteve envolvido em diversas discussões a respeito de teorias ecológicas, muitas delas com amplas consequências para a conservação da natureza. Recentemente, ele esteve no Brasil como palestrante convidado na [XVIII Semana da Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro](#), e concordou em dar uma entrevista para ((o))eco.

Fernando Fernandez: É um prazer falar com você pelo ((o))eco, professor Daniel Simberloff. Você tem tido uma longa carreira e esteve envolvido em alguma das mais importantes polêmicas da ecologia, muitas delas com implicações para a conservação da biodiversidade em geral. Então, gostaríamos de fazer perguntas sobre alguns desses temas seguindo uma ordem cronológica. Em seu doutorado você testou a teoria de biogeografia de ilhas, de [Robert MacArthur](#) e Wilson. Essa teoria foi apontada por muitas pessoas como uma base importante para o planejamento e design de reservas naturais. O que você pensa sobre o uso dessa teoria hoje em dia?

Daniel Simberloff: Eu era entusiástico a respeito da teoria enquanto descrição de partes da natureza, mas nunca por suas implicações para a conservação. Quando saiu uma série de artigos em 1975, todos advogando o design de reservas baseado na [teoria de biogeografia de ilhas](#), eu fiquei pouco convencido porque essas ideias não se apoiavam na teoria, além da história de que grandes reservas seriam melhores que reservas pequenas. A respeito de sua relevância para a conservação, essa teoria nunca foi realmente um bom modelo para o design de reservas, mas chamou a atenção para forças que podem ameaçar pequenas populações, se elas forem realmente pequenas. Uma dessas forças foi a aleatoriedade demográfica, ideia advinda de modelos do livro original de 1967, e isso não foi bem reconhecido por biólogos da conservação. Ela também chamou alguma atenção para a questão mais geral das forças que ameaçam pequenas populações, incluindo forças genéticas, o que foi um desdobramento saudável da teoria, fazendo as pessoas pensarem em ameaças a pequenas populações em geral. No entanto, a maioria das ameaças reais à biodiversidade não vem da existência de populações pequenas, mas sim de populações em declínio. Um trabalho muito importante publicado por [Graeme Caughley](#), por volta de 1990 se não me engano [em 1994], diferencia dois paradigmas: o paradigma das populações pequenas e o paradigma das populações em declínio. Ele atribuiu a ideia a mim, e ainda que a ideia não tenha sido minha, ele percebeu bem minha visão de que o paradigma das pequenas populações não é tão importante. A visão de Caughley era de que é possível associar

cada espécie ameaçada a algo específico que os seres humanos tenham feito para ameaçá-la, e não apenas ao fato da população ser pequena. Podemos apontar pequenas populações que tem sido pequenas por milênios, porque elas habitam apenas pequenas ilhas, e elas estão bem. Eu acredito que a teoria tenha feito que as pessoas pensassem a respeito de certas questões, o que foi muito importante, mas sua relevância direta para a conservação é limitada.

FF: Eu acredito que, talvez, uma das ideias mais úteis por detrás da teoria seja a relação espécies-área, que já era bem conhecida antes da biogeografia de ilhas. De qualquer forma é um padrão, sobre o qual se pode tomar decisões sobre a conservação independente do mecanismo que o gera.

DS: Claro, independente do mecanismo.